

## *1. Introdução: puberdade e adolescência*

Em momento algum os observadores do desenvolvimento humano deixaram de reconhecer a importante significação das dimensões físicas e psicológicas da puberdade. A maturação sexual deu sempre a essa fase de crescimento uma importância notável, relacionando-a, de forma direta e causal, com as transformações da personalidade. Mas só quando a psicologia da primeira infância foi explorada e sistematizada pela psicanálise foi possível compreender a puberdade em seus aspectos psicológicos: e é a tais aspectos que nos referimos quando falamos de *adolescência*. As descobertas relativas à primeira infância ligaram a adolescência, geneticamente, aos períodos iniciais de vida, situando dessa maneira a puberdade num contínuo de evolução psicológica. Passamos a reconhecer a adolescência como a etapa final da quarta fase de desenvolvimento psicosssexual, a fase genital, que fora interrompida pelo período de latência.

O conhecimento psicanalítico da infância foi obtido, a princípio, pela reconstrução feita a partir da análise de adultos, confirmada e desenvolvida posteriormente pela análise de crianças e pela observação direta. O que aprendemos sobre a adolescência foi, quase que totalmente, resultado de estudos clínicos dos próprios adolescentes. Essa fonte de observação será, sem

dúvida, enriquecida e desenvolvida pelas lembranças e pela reconstrução da adolescência na análise de adultos. Ao que parece, certas esferas e processos psíquicos inacessíveis à análise durante a adolescência podem ser investigados de forma mais fácil e mais sucinta, em retrospecto, pelos derivados do período adolescente, analisados numa idade posterior. A reconstrução da adolescência na análise de adultos recebeu, recentemente, uma atenção explícita, sendo na verdade, e cada vez mais, considerada como componente necessário de uma reconstrução genética total.

O fato biológico da puberdade dá origem a uma nova organização das pulsões e do ego. Reconhecemos, nesse processo, o modelo de desenvolvimento da primeira infância, no qual as organizações mentais se formaram em associação com as funções fisiológicas, estabelecendo dessa forma as zonas erógenas do corpo. A palavra puberdade é usada aqui para indicar as manifestações físicas da maturação sexual: a pré-puberdade refere-se, por exemplo, ao período que precede imediatamente o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários. A palavra adolescência é usada para indicar os processos psicológicos de adaptação à condição de pubescência. Então, a fase de pré-adolescência, que surge num determinado estado de maturação física, continua a ter um curso independente. Assim, por exemplo, a fase da pré-adolescência pode prolongar-se excessivamente, sem ser afetada pela progressão da maturação física.

A verdade é que a mudança da pubescência, ou o estado de maturação sexual, influencia a ascensão e queda de certos interesses e atitudes, o que se comprova pelos estudos estatísticos (Stone *et al.*, 1939). Esses estudos mostraram que “uma maior proporção de meninas pós-menarcas, em comparação com as meninas pré-menarcas, deram respostas indicativas de interesses heterossexuais e interesses no adorno e exibição da pessoa; por outro lado, revelaram um desinteresse pela participação em jogos e atividades que exigem força; dedicavam-se, ou interessa-

vam-se, pelas atividades imaginativas e de devaneios”. É claro que essas descobertas não revelam as características intrínsecas da condição pubertária, mas demonstram como a maturação sexual provoca modificações e transformações na vida mental da criança pubescente. A qualidade e o conteúdo dessas mudanças são muito flexíveis, cabendo ao sociólogo registrar e estudar suas manifestações. Este livro faz abstração do conteúdo mental manifesto desses processos psicológicos que podem ser considerados específicos das várias fases da adolescência.

Na psicologia pré-psicanalítica, a puberdade era considerada o momento do início, físico e emocional, do desenvolvimento sexual. O estudo analítico da primeira infância corrigiu essa interpretação e o início da sexualidade nessa fase passou a ser um fato geralmente aceito. Freud (1905, b) descreveu em linhas gerais as fases do desenvolvimento psicosssexual em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, e apresentou o primeiro conceito psicanalítico de puberdade: aplicou o princípio genético ao período da puberdade. Já em 1898 Freud dizia ser um erro supor que a vida sexual da criança começa com a puberdade.

A psicanálise falou sempre de dois períodos importantes no desenvolvimento da sexualidade, ou seja, a primeira infância e a puberdade. Ambas essas fases surgem sob a tutela das funções fisiológicas, como a lactância na criança pequena e a maturação genital na puberdade. As moções pulsionais, no alvorecer da vida, recorrem ao mecanismo perceptomotor para a redução da tensão. Assim, a criança torna-se inextricavelmente ligada ao seu ambiente, do qual depende a satisfação das necessidades. A longa duração da dependência da criança é que torna humano o homem. Nesse processo, o desenvolvimento da memória, causalidade, consciência e fantasia torna possíveis o pensamento e o conflito. Assim, surgem numerosas soluções alternativas para as pressões das moções pulsionais. A variabilidade do objeto das moções pulsionais foi sempre considerada pelos psicanalistas como quase infinita, enquanto o *alvo* tem uma cons-

tância muito maior. Não é de admirar que a representação psicológica do ambiente, inclusive a ansiedade conflitual, coloque-se logo no caminho de qualquer solução simples à satisfação da pulsão; em outras palavras, a personalidade total torna-se aos poucos envolvida na manutenção de uma homeostase psicossomática.

Durante o período de crescimento – que compreende aproximadamente as duas primeiras décadas de vida – há uma diferenciação e uma integração progressivas da personalidade. Os processos de diferenciação realizam-se por estimulantes da maturação, agindo ao mesmo tempo interior e exteriormente, de maneira suplementar e complementar, e integrados de acordo com o esquema de maturação dos mecanismos físicos e psíquicos. A capacidade de avaliar, conciliar e acomodar estímulos internos e externos, benignos e perigosos, permite ao ego viver em relativa harmonia com a pulsão, o superego e o ambiente.

Voltemos ao panorama dos picos de desenvolvimento. Alguns deles merecem nossa observação especial porque mais tarde nos ajudarão a encontrar nosso caminho num terreno mais complicado. Devemos ter presente que os fenômenos complexos da adolescência são edificados sobre antecedentes específicos que se situam na primeira infância. Se pudermos reconhecer a sobrevivência dessas organizações básicas em suas formas derivadas, seremos capazes de discernir as origens psíquicas e estudar a formação das estruturas psíquicas.

A lactância é governada pelo princípio de prazer-e-dor, que perde sua supremacia à medida que cresce a confiança da criança na mãe como a confortadora de suas aflições físicas ou emocionais. Essa situação básica de vida é de influência duradoura, podendo ser revivida em situações críticas em anos posteriores. A função de regular a ansiedade é desempenhada pelos pais – sobretudo a mãe – nos primeiros anos, sendo em parte assumida pela criança à medida que se desenvolve uma vida de fantasia, e atividades calmantes – sucção, carícias,

masturbação, brincadeiras, movimento corporal – tornam-se aos poucos sujeitas à volição da criança. Assim, a criança procura, sem cessar, novas maneiras de dominar a ansiedade, maneiras nas quais as atividades lúdicas com um conteúdo de fantasia e um significado psicológico passam ao primeiro plano de importância. A distinção entre realidade interior e exterior, entre o eu e o não-eu, indica a crescente separação entre a criança e a mãe, e uma redução da dependência. A diferenciação assume um papel decisivo quando a criança tem cerca de dois anos, iniciando o processo de individuação, e chega geralmente a um certo grau de estabilidade aos três anos, mais ou menos. A mobilidade, a linguagem e as experiências sociais ampliam o espaço vital da criança e lhe dão consciência da conveniência de ser como os outros e, o que é mais importante, como os pais ou irmãos. Esse empurrão para a vida enche a criança de quatro ou cinco anos do desejo de tomar o lugar do pai ou da mãe, ou de cada um deles alternadamente, na verdade simultaneamente. Uma conseqüência lógica da dependência em que a criança se encontra em relação ao adulto leva-a a acreditar que, assumindo o papel do genitor do mesmo sexo, conseguirá os atributos desejados do progenitor substituído, atributos que são tão admirados e invejados pela criança. No entanto, a realidade torna inútil a realização desses desejos, e a criança deve aceitar com relutância a promessa de que o futuro lhe proporcionará a realização que tem de deixar de lado nessa fase. A criança preserva, de maneira permanente, suas aspirações e suas derrotas, fazendo dos pais uma parte de si mesma; por isso, o superego foi definido como “o herdeiro do complexo de Édipo” (Freud, 1923, a).

O período intermediário entre o primeiro florescimento da sexualidade infantil e a sexualidade genital pubescente é denominado período de latência. “Cessa a dependência total com relação aos pais e a identificação começa a tomar o lugar do amor objetal” (A. Freud, 1936). Assim, o aprendizado formal e a vida em grupo passam a chamar mais atenção da crian-

ça; a consciência social a leva para além dos limites da família, enquanto a posição central da família continua a exercer sua influência. Nenhum alvo sexual novo surge entre os cinco e dez anos, ou seja, desde o fim da primeira infância até o início da puberdade. Esses anos constituem o período de latência, que se caracteriza antes pela falta de novos objetos sexuais do que pela completa falta de atividade sexual. Há evidências abundantes de que durante todo o período médio da infância a atividade ou fantasia sexual continuam a existir de uma forma ou outra. A criança na latência adquire vigor e competência para dominar tanto a realidade como o instinto (sublimação), com o apoio de influências educacionais. Essas realizações são fruto do período de latência; sem a sua existência – ou, em outras palavras, sem ter passado pelo período de latência – a criança será derrotada pela puberdade. A precondição da evolução do processo de adolescência é uma passagem bem-sucedida pelo período de latência.

O desenvolvimento bifásico da sexualidade prolonga a infância e representa uma condição singularmente humana, em grande parte responsável pelas realizações culturais do homem. Existe, no momento, uma tendência a prolongar a adolescência, devido às complexidades da vida moderna. Isso, é claro, não pode deixar de ter efeitos sobre o indivíduo jovem, e com freqüência sobrecarrega o seu potencial adaptativo.

A adolescência caracteriza-se sobretudo pelas mudanças físicas, mudanças que se refletem em todas as facetas do comportamento. Não só é certo que os adolescentes de ambos os sexos são profundamente afetados pelas mudanças físicas que ocorrem em seus corpos – como também, num plano mais sutil e inconsciente, o processo de pubescência afeta o desenvolvimento de seus interesses, seu comportamento social e a qualidade de sua vida afetiva. Esses padrões não devem, é claro, ser considerados como resultados diretos de fatores fisiológicos, pois não se pode estabelecer nenhum paralelo direto entre as modificações da adolescência que ocorrem simultaneamen-

te no desenvolvimento anatômico, fisiológico, mental e emocional. As disposições já existentes antes da puberdade afetarão sempre o resultado.

Há, porém, certos aspectos intrínsecos do processo de crescimento pubescente que são relevantes para o entendimento do comportamento adolescente e que, portanto, merecem a nossa atenção. Os observadores dos adolescentes se surpreenderam sempre pela ampla variação quanto ao início, duração e término da pubescência. Existe um ritmo diferente de modificações fisiológicas nos diferentes adolescentes, que faz parte do padrão geral de crescimento do indivíduo. A idade cronológica não constitui um critério válido de maturação física. Entre centenas de meninos estudados por Stolz (1951), há “dez que estavam um ou mais anos atrasados, e um número igual que estava dois ou mais anos adiantado quanto a características masculinas estruturais e fundamentais adequadas, descritas em termos de normas de idade cronológica”. Entre as meninas, um período de cinco anos, dos 11 aos 16 anos – com a idade menarca média de 13,5 nos Estados Unidos – constitui a faixa etária na qual ocorre a menarca (Gallagher, 1960). Os estudos estatísticos mostram que a idade da menarca reduziu-se ligeiramente durante a última geração (Shuttleworth, 1938) e que a altura média da atual geração de rapazes adolescentes que atingiram a estatura final é superior à de seus pais. Não só a variabilidade individual de crescimento é notável, como também as mudanças de uma geração para outra devem ser levadas em conta, já que nos adolescentes há sempre duas gerações interligadas de maneira significativa e crucial.

É claro que uma certa fase de desenvolvimento prevalece em cada grupo etário, e essa maioria, apoiada por influências externas, tende a fixar o padrão de adequação física para o grupo. Em relação à precocidade e ao retardamento, Stolz (1951) observou que apenas em um ou dois casos dos cem meninos por ele estudados houve “evidências de que a precocidade contribuiu para o desajustamento, mas oito dos dez meninos re-

tardados deram mostras de insegurança emocional”. Em geral, pode-se dizer que os adolescentes que entraram cedo na pubescência atravessam-na rapidamente, enquanto a criança de maturação tardia progride em ritmo mais lento.

É bem conhecido o fato de que as meninas começam a sua evolução pubertária e atingem o crescimento pleno antes dos meninos. “As meninas crescem em altura num ritmo acelerado desde os nove até os 12 anos, ao passo que os meninos o fazem entre 11 e 14 anos. Disso resulta o fato de as meninas serem mais altas do que os meninos entre os 11 e 13 anos” (Stuart, 1946). Essa diferença de desenvolvimento físico entre os sexos tem significação óbvia para o agrupamento das crianças. Geralmente, elas são agrupadas de acordo com sua faixa de idade cronológica; assim, crianças da mesma idade que estão em fases diferentes de desenvolvimento físico são colocadas juntas em situações que exigem cooperação social e mental, bem como competição. O indivíduo adolescente vive sempre dentro de um grupo de companheiros de idade que variam muito quanto ao desenvolvimento físico e aos interesses. Essa condição é responsável pelas muitas formas de comportamento imitativo e “como se”, a que os adolescentes recorrem a fim de se manterem dentro do padrão esperado de conduta e protegerem a compatibilidade social com o grupo a que pertencem.

Além das discrepâncias quanto ao início e à duração da pubescência num grupo de adolescentes, o padrão individual próprio de crescimento de cada pessoa não é uniforme por todo o corpo. Cada sistema de órgãos é afetado pelo crescimento de uma maneira característica em termos do período total de vida do indivíduo; cada sistema desempenha sua função de maneira ótima, sempre. Mas durante a puberdade, as acelerações e os retardamentos extremos no crescimento de determinados sistemas de órgãos provocam uma distribuição desigual do crescimento dentro do organismo total. O aumento no volume do corpo pode não ser paralelo a um aumento proporcional na largura ou na altura; e as características sexuais primárias e se-

cundárias não se desenvolvem no mesmo ritmo. Essa falta de uniformidade no desenvolvimento físico, chamada de *crescimento assimétrico*, com freqüência exige muito da adaptabilidade física e mental do indivíduo. Quanto a isso, é preciso compreender que o crescimento muitas vezes ocorre como uma seqüência de mudanças súbitas, e não como uma progressão suave e paulatina. “O rápido crescimento, na adolescência, ocorre durante o 10º ano nas meninas e durante o 13º ano nos meninos. A mudança de um ritmo acelerado para outro, desacelerado, ocorre aos 13 anos nas meninas, e aos 15 anos nos meninos” (Stuart, 1946). O crescimento intenso em altura, peso, musculatura, e o desenvolvimento de características sexuais primárias e secundárias podem ser acompanhados de estados emocionais relevantes. Uma modificação na imagem do próprio corpo e uma reavaliação do eu à luz de novos poderes físicos e novas sensações são duas das conseqüências psicológicas da mudança de condição física. (Essas conseqüências são descritas adiante, em relação às fases de adolescência.) E, como as mudanças físicas que ocorrem durante a puberdade são tão marcadas e visíveis, o adolescente tende, inevitavelmente, a comparar seu desenvolvimento corporal com o de seus contemporâneos.

A maioria dos adolescentes preocupa-se, num momento ou em outro, com a normalidade de sua condição física; e a ausência de normas etárias bem definidas quanto à fisiologia do adolescente apenas contribui para a sua insegurança. As diferenças físicas entre indivíduos de um nível de maturidade comparável – e essas diferenças são ainda maiores num grupo da mesma faixa etária – manifestam-se entre as meninas em variações do ciclo menstrual e no desenvolvimento dos seios, e entre os meninos em variações do desenvolvimento genital, mudança de voz, surgimento de pêlos faciais. Essas indicações notáveis de maturação sexual dão ao crescimento físico significados altamente pessoais.

Além disso, o desenvolvimento físico nem sempre progride de maneira adequada – às vezes, assume aspectos caracte-

risticos do sexo oposto. Isso parece ser menos perturbador para as meninas do que para os meninos, talvez devido à tendência entre certos grupos de meninas a preferir um corpo mais masculino, aparência essa também apreciada pelos meninos. Estes se preocupam muito mais (e também os seus pais) quando manifestam características inadequadas ao seu sexo. O desenvolvimento de seios nos meninos (Grenlich *et al.*, 1942; Gallagher, 1960) tende a estimular e acentuar fantasias e pulsões bissexuais. O desenvolvimento de seios é descrito por Stuart (1946) como “uma elevação dos mamilos numa aréola levemente plana. Ocasionalmente, uma massa de tecido firme, nitidamente demarcada, de vários centímetros de diâmetro surge sob essa aréola e lhe dá a aparência de um verdadeiro desenvolvimento de seio. Isso ocorre na época em que já há pêlos púbicos escuros e densos na base do pênis e quando os pêlos axilares começam a aparecer. Esse tecido desaparece depois de um número variável de meses, dependendo do seu grau e desenvolvimento”. Quanto a isso, devemos mencionar também que o menino pré-adolescente tende à adiposidade do torso inferior, que ressalta os contornos femininos do corpo. Essa condição desaparece normalmente com a aceleração do crescimento em altura.

A menarca é geralmente considerada como o sinal de que a menina chegou à maturidade sexual. Na verdade, esse acontecimento indica que a maturação dos órgãos reprodutores está em processo, mas não que está concluída. “Acredita-se agora que a menstruação começa na maioria das meninas antes que seus ovários sejam capazes de produzir óvulos maduros, e a ovulação pode ocorrer antes que o útero esteja pronto para receber a gestação normal. Isso provoca um período de esterilidade adolescente” (Benedek, 1959, a). Esse período de esterilidade pós-menarca pode durar um ano, ou mais (Josselyn, 1954).

A pubescência é, muitas vezes, marcada por sintomas físicos que dão ao adolescente aflito uma consciência acentuada das transformações em seu corpo. A acne, que desfigura a pele, e várias formas de dismenorréia, podem interferir no

desejo que o adolescente tem de crescer. A obesidade de diferentes graus e tipos, existente especialmente entre as meninas, leva às experiências com dietas.

Com freqüência, o adolescente reage ao exame clínico com uma relutância mais ou menos consciente, o que é provocado pelo temor de que o médico possa descobrir características de desenvolvimento inadequadas ou anormais. Também, a perspectiva de ser examinado pode intensificar seus conflitos relacionados à masturbação, às fantasias sexuais e aos conseqüentes sentimentos de culpa.

Uma dificuldade que surge em qualquer discussão sobre adolescência provém do fato de haver muitas maneiras de completar com sucesso o progresso adolescente, alcançando a estabilidade do ego e da organização das pulsões. Além disso, o período de tempo desse desenvolvimento é tão relativo quanto são complexos os processos adaptativos envolvidos na realização da maturidade. Quando a ritualização e a formalização liberam o indivíduo da necessidade de realizar a sua própria resolução das exigências do crescimento, nenhum ajuste idiossincrático e pessoal tem de ser buscado; a possibilidade de opção é pequena, e o conflito, mínimo. Mas em culturas em que a tradição e os costumes não exercem uma influência incontestável sobre o indivíduo, o adolescente tem de realizar com seus recursos pessoais a adaptação que a institucionalização não lhe oferece. Por outro lado, essa falta de padronização institucionalizada cria a oportunidade para o desenvolvimento individual, para a criação de uma variação única, altamente original e pessoal, em relação à tradição. O aumento da diferenciação psicológica durante a adolescência é necessariamente acompanhado de um aumento da instabilidade psíquica; essa condição reflete-se nos distúrbios emocionais adolescentes, cuja gravidade e efeitos mutilantes, transitórios ou permanentes, são variáveis.

Foi possível – com a devida ressalva para uma certa variabilidade – estabelecer normas etárias de desenvolvimento in-

fantil na primeira infância. (De fato, quanto mais nova a criança, menor a variabilidade.) Uma avaliação normativa dos adolescentes, porém, será necessariamente vaga e incongruente. O alto grau de plasticidade, tão característico da adolescência, dificulta tal abordagem. É certo que há padrões seqüenciais de maturação na adolescência, mas sua relação com a idade é imprecisa. O comportamento nessa idade é um fenômeno complexo, que depende muito tanto dos acontecimentos que marcam a vida do indivíduo como do ambiente no qual o adolescente cresce. Se, no entanto, considerarmos a adolescência como um período de maturação no qual cada indivíduo tem de lidar com as dificuldades das experiências relacionadas à totalidade de sua vida para chegar a uma estabilidade do ego e da organização das pulsões, então qualquer estudo da adolescência deve tentar esclarecer os processos que levam a novas formações psíquicas ou à reestruturação psíquica.

Em muitas sociedades essas formações são convencionalizadas pelas sanções e tabus tradicionais. Os ritos de iniciação, tão abundantemente registrados pelos antropólogos, são prova eloqüente do fato de que ocorre na puberdade uma profunda reorganização do ego e das posições da libido; e algumas sociedades realmente oferecem modelos pelos quais o adolescente pode pautar sua solução pessoal. Com isso, a sociedade absorve o empuxo de amadurecimento da puberdade, utilizando-o para seus propósitos. A designação de um papel e um *status* novos oferece ao adolescente uma auto-imagem que é definida, recíproca, e vinculada ao grupo; e ao mesmo tempo é promovida a assimilação social da criança em maturação. Sem esse tipo de complementação ou reforço ambiental, a auto-imagem do adolescente perde clareza e coesão; assim, para mantê-la, ele exige constantes operações de restituição e defesa.

As formas de *status* institucionalizado modificaram-se através dos tempos e em diferentes sociedades; elas não nos interessam, aqui. Na verdade, limitaremos a nossa investigação à cultura ocidental, porque só nessa sociedade os adolescentes

foram estudados com métodos psicanalíticos. Em contraste com muitas outras culturas, a moderna sociedade ocidental eliminou progressivamente a assimilação ritualizada ou institucionalizada do adolescente. Os remanescentes religiosos dessas práticas ainda existem; mas reduziram-se agora a relíquias históricas, isoladas, sem correspondência nos esquemas de mudança de *status* em todas as outras áreas da vida moderna.

Ainda não há um acordo social na cultura ocidental quanto à idade na qual o indivíduo deixa de ser criança, ou deixa de ser adolescente e se transforma em adulto. A definição etária da maturidade variou em diferentes épocas, e, hoje, varia totalmente em diferentes locais. As leis estaduais diferem consideravelmente quanto à definição da idade da suficiência econômica, bem como da idade adequada para tirar carteira de motorista, para se casar e para ter responsabilidade criminal. Não é de espantar que, nessas condições sociais flexíveis e contraditórias, a própria juventude tenha criado formas sociais peculiares e padrões de experiência próprios. “Cultura da juventude” ou “cultura dos pares” são expressões idiomáticas das necessidades adolescentes. O adolescente foi forçado, por assim dizer, a um modo de vida escolhido e feito por ele mesmo. Todos esses esforços da juventude são tentativas de transformar um acontecimento biológico em experiência psicossocial.

Pouca atenção tem sido dada ao fato de que a adolescência, não só apesar de, mas também devido a, seu turbilhão emocional, com freqüência propicia a cura espontânea das influências debilitantes da infância e oferece ao indivíduo a oportunidade de modificar ou retificar as exigências infantis que ameaçavam impedir seu desenvolvimento progressivo. Os processos regressivos da adolescência permitem remodelar desenvolvimentos defeituosos ou incompletos, ocorridos anteriormente; novas identificações e contra-identificações desempenham nisso um papel importante. A profunda agitação, associada à reorganização emocional da adolescência, encerra, dessa forma, um potencial benéfico: “As potencialidades para a forma-

ção da personalidade durante a latência e adolescência foram subestimadas nos trabalhos psicanalíticos” (Hartman *et al.*, 1946). Fenichel (1945) apresentou um conceito semelhante: “A experiência na puberdade pode resolver conflitos ou desviá-los para uma direção final; além do mais, pode dar a constelações mais velhas e oscilantes uma forma final e definitiva.” Erikson (1956) sugeriu que consideremos a adolescência não como um período de aflição, mas como uma “*crise normativa*, isto é, uma fase normal de maior conflito caracterizada por uma aparente flutuação no vigor do ego, e também por um alto potencial de crescimento... Aquilo que, num exame preconceituoso, pode parecer o início de uma neurose é, com frequência, apenas uma crise agravada que poderia ser autoliquidada e, de fato, contribuir para o processo de formação de identidade”. Poderíamos acrescentar que a solução definitiva dos conflitos no final da adolescência significa que eles perdem sua qualidade perturbadora porque foram estabilizados caracterologicamente, ou porque se solidificam em sintomas de debilitação permanente, ou distúrbios de caráter. Voltaremos a esse processo complexo na análise da fase terminal da adolescência.

A adolescência é vista aqui como a soma de todas as tentativas de ajuste ao estágio da puberdade, à nova série de condições interiores e exteriores – endógenas e exógenas – enfrentadas pelo indivíduo. A necessidade premente de enfrentar essa nova condição de puberdade provoca todos os modos de excitação, tensão, satisfação e defesa que alguma vez já desempenharam um papel nos anos anteriores – isto é, durante o desenvolvimento psicosssexual da lactância e da primeira infância. Essa mistura do infantil é responsável pelo caráter bizarro e regressivo do comportamento adolescente; é a expressão típica da luta adolescente para reconquistar ou conservar um equilíbrio psíquico que foi prejudicado pela crise da puberdade. As necessidades emocionais significativas e os conflitos da primeira infância devem ser recapitulados antes que sejam encontradas novas soluções, com objetos instintuais qualitati-

vamente diferentes, e com diferentes interesses do ego. É por isso que a adolescência foi chamada de uma segunda edição da infância: os dois períodos têm em comum o fato de que “um id relativamente forte enfrenta um ego relativamente fraco” (A. Freud, 1936). Devemos lembrar que as fases pré-genitais da organização sexual ainda estão em funcionamento, tentando afirmar-se; elas interferem, de maneira intermitente, no progresso em direção à maturidade. O avanço gradual, durante a adolescência, em direção à afirmação genital e à orientação heterossexual é apenas a continuação de um desenvolvimento que foi temporariamente sustado no declínio da fase edípica, paralisação essa que acentua o desenvolvimento sexual bifásico do homem.

Testemunhamos na adolescência um segundo passo para a individuação, tendo o primeiro sido dado por volta do final do segundo ano, quando a criança experimenta uma distinção fatídica entre o “eu” e o “não-eu”. Uma individuação semelhante, e muito mais complexa, ocorre durante a adolescência, que leva em seu passo final a um senso de identidade. Antes que o adolescente possa consolidar essa formação, ele tem de passar pelas etapas da autoconsciência e da existência fragmentada. Os impulsos de oposição, de rebelião e de resistência, as etapas de experimentação, as provas a que o eu é submetido pela prática de excessos – tudo isso tem uma utilidade positiva no processo de autodefinição. “Isso não sou eu” representa um passo importante na realização da individuação e no estabelecimento da autonomia; numa idade anterior, condensa-se numa única palavra: “Não!”

A individuação adolescente é acompanhada de sentimentos de isolamento, solidão e confusão. A individuação representa o fim irrevogável de alguns dos mais caros sonhos megalômanos da infância. Esses sonhos devem agora ser relegados inteiramente à fantasia; sua realização nunca mais poderá ser esperada a sério. A compreensão do que há de definitivo no final da infância, da natureza inescapável dos compromis-



sos assumidos, da limitação definida da própria existência individual – essa compreensão cria um sentimento de premência, de medo e de pânico. Assim, muitos adolescentes tentam permanecer indefinidamente numa fase transitória de desenvolvimento, condição essa que recebeu o nome de *adolescência prolongada*.

O lento rompimento dos laços emocionais que o adolescente tem com sua família, a entrada, em meio a receios ou excitações, numa nova vida que lhe acena, tais experiências estão entre as mais profundas da existência humana. Só os poetas foram capazes de expressar adequadamente a qualidade desses sentimentos, sua profundidade e alcance. Sherwood Anderson dá uma comovente descrição do estado de espírito de um adolescente que está em via de deixar sua cidade natal, Winesburg, Ohio. Sua mãe morreu há pouco; ele está a caminho da cidade grande, onde terá de construir sua vida sozinho. Na véspera da partida ele percorre as ruas familiares de sua cidade. Pensamentos e sentimentos se acumulam nele, provocando um desejo de esclarecimento, de consciência, de uma ligação com o passado e o futuro – em suma, ele sente a autoconsciência da existência que marca a entrada na condição de adulto.

George Willard, o menino da cidade pequena de Ohio, estava se transformando rapidamente num homem, e novos pensamentos lhe ocorriam. Durante todo o dia, em meio à confusão de gente na Feira, ele se sentira solitário. Ia deixar Winesburg, ia embora para alguma cidade onde esperava conseguir trabalho num jornal, e sentia que tinha crescido. O estado de espírito que dele se apossara é conhecido de todos os homens, e desconhecido dos meninos. Ele se sentia velho e um pouco cansado. Lembranças despertavam nele. Esse novo sentimento de maturidade o colocava de parte, fazia dele uma figura meio trágica. Queria que alguém compreendesse o sentimento que se apossara dele depois da morte da mãe.

Há um momento na vida de todo menino em que ele, pela primeira vez, olha para trás. Talvez seja esse o momento em que

atravessa a fronteira para a condição de adulto. O menino caminha pela rua de sua cidade. Pensa no futuro e no que fará no mundo. Ambições e arrependimentos nascem nele. De súbito acontece alguma coisa, ele pára sob uma árvore e espera, como se esperasse uma voz que chamasse seu nome. Fantasmas de velhas coisas infiltram-se na sua consciência; as vozes fora dele murmuram uma mensagem sobre as limitações da vida. Ele deixa de sentir-se seguro de si e de seu futuro, e passa a não ter certeza. Se for um menino imaginativo, abre-se uma porta e pela primeira vez ele olha o mundo, vendo – como se marchasse em procissão à sua frente – as incontáveis figuras de homens que antes de sua época entraram no mundo provenientes do nada, viveram suas vidas e novamente desapareceram no nada. A tristeza da complexidade chegou para o menino. Com pequeno sobressalto, ele se vê como apenas uma folha soprada pelo vento pelas ruas de sua cidadezinha. Sabe que a despeito de toda a conversa sensata de seus colegas, ele tem de viver e morrer na incerteza, coisa soprada pelo vento, coisa destinada a murchar ao sol como o trigo. Estremece e olha ansiosamente à sua volta. Os dezoito anos que viveu parecem apenas um momento, um respirar na longa marcha da humanidade. Já ouviu a morte chamar. Com todo o coração, ele quer aproximar-se de algum outro ser humano, tocar alguém com suas mãos, ser tocado pela mão de outra pessoa. Se prefere que essa outra pessoa seja uma mulher, é porque acredita que a mulher será gentil, que compreenderá. Acima de tudo, ele quer compreensão.\*

Anderson descreve o fim do processo de adolescência: a infância passou a ser história, memória; uma nova perspectiva temporal, com um passado circunscrito e um futuro limitado, coloca a vida entre o nascimento e a morte. Pela primeira vez, torna-se concebível o envelhecimento, tal como envelheceram nossos pais e, antes deles, nossos avós. A consciência de

.....

\* Reproduzido de Sherwood Anderson, *Winesburg, Ohio*, The Viking Press, Inc.

idade torna-se de súbito diferente da que existia na infância. O luto de George é como um símbolo das profundas perdas representadas pela adolescência. Sozinho e cercado pelo eterno medo do abandono e pânico que persegue o homem, desperta a necessidade, familiar e perene, da proximidade humana; há a esperança de que o amor e a compreensão voltem a reacender a confiança na vida, façam desaparecer os medos do isolamento e da morte. O futuro ilimitado da infância se reduz a proporções realistas, de oportunidades e metas limitadas. Mas, da mesma forma, o domínio do tempo e espaço e a conquista do desamparo oferecem uma promessa, até então desconhecida, de auto-realização. É essa a condição humana da adolescência, que o poeta mostrou.